

Construções sociais de jardins e parques públicos

Margarida Lima de Faria

9 DE ABRIL DE 2021



1 - Insere-se numa análise sociológica dos processos de mudança social

ESTRUTURA/AGÊNCIA

Mudança nas **estruturas sociais** mas também mudanças nas **ações individuais concretas**.

Conceito de “configuração” ou “**figuração**” (Norbert Elias).

PÚBLICO/PRIVADO

O **espaço público** cenário de ação dos atores sociais e da produção das suas identidades, mas também o campo de ação do Estado moderno e das suas instituições; **espaço privado** é definido como espaço fora da intervenção do Estado, espaço de intimidade.

NATUREZA/CULTURA

Uma natureza construída na qual se produzem significações sociais.

2 – Construção do “olhar romântico” na gênese do turismo

A experiência turística tem um forte sentido **visual**.

O “olhar do turista” (“the tourist gaze” em J. Urry 1990) incide na procura da diferença, no relacionamento com o oposto às rotinas.

São práticas que sugerem a ideia de “afastamento” permitindo que os nossos sentidos se abram para uma série de estímulos que contrastam com a experiência quotidiana.

As raízes do “olhar romântico” estão no surgimento dos desejos românticos do século XIX que levaram ao desenvolvimento do turismo cénico, com ênfase na experiência privada e apaixonada da beleza e do aspecto sublime da natureza” (Urry, 2002: 44–45)

O “olhar romântico” na pintura séc.XVIII-XIX



Caminhante sobre um mar de névoa” ou apenas “Viajante” de Caspar David Friedrich, 1817.

“Solidão, privacidade e uma relação pessoal e semi-espiritual” com o objeto do olhar. O turista romântico espera olhar para o objeto sozinho.

Procura lugares icônicos.

Influência da literatura.

Mary Shilley, Lord Byron e William Wordsworth – a literatura romântica convida à viagem romântica. (Genève, Albânia, Grécia e Portugal, Alemanha e Lake District)

1732, publicação do poema lírico "Die Alpen" ["Os Alpes"] de Albrecht von Haller.

As Sagas da Islândia.

“Olhar romântico” – paisagem, natureza

Nos sécs. XVIII-XIX há uma espécie de **sacralização do lugar turístico** que aproxima o turista do peregrino

Turner (1973-74) na análise que faz dos peregrinos refere três momentos:

- **separação** (social e espacial: saída de um lugar)
- **liminaridade** (estado limite = o indivíduo encontra-se numa anti-estrutura fora do lugar e do tempo: a sua identidade é suspensa)
- **reintegração** (com um *status* mais elevado: a sua identidade é reforçada)



O que procura o turista oitocentista?

A contemplação da natureza, de paisagens inóspitas e desoladas, que despertam sentimentos de grandeza do universo e pequenez do indivíduo, chegando por vezes a sensações de fascínio, melancolia, mistério e inquietação até o ponto da dor e do medo.

A grandeza dos lugares misteriosos, inquietantes, melancólicos e sublimes traduzia a mesma realidade no interior de cada indivíduo.

À ordem urbana opõe-se a o imponderável rural (o risco de perder o sentido do lugar, perder-se para se reencontrar).

Romantismo na pintura - a paisagem rural

Tomás da Anunciação – séc. XIX



Amora

Dramatismo, nostalgia, pequenez humana.



Penha de França

Turismo rural (hoje) - 2011

Estudo realizado em Portugal: 1ª = natureza; 2ª = campo/ agricultura; 3ª não-urbano (puro, livre de stress); 4ª = paz, tranquilidade.

Valorizam sobretudo a paisagem. Associam o mundo rural com “autenticidade” e a imersão num ambiente diferente.

O apelo da natureza, da autenticidade.

Uma genuína experiência com a natureza.

Uma experiência de consumo estético.

Mantém-se uma visão “pastoral” do rural, dado que não são referidas outras funções do mundo rural.

Motivações induzidas por necessidades de saída mais do que pela atração do local visitado (mais *pull* do que *push*).

Kastenholz e Lima. The Integral Rural Tourism Experience from the Tourist's Point of view-A Qualitative Analysis of its Nature and Meaning. TOURISM & MANAGEMENT STUDIES, Nº 7, (2011)

<https://www.researchgate.net/publication/236335174> The Integral Rural Tourism Experience from the Tourist's Point of view-A Qualitative Analysis of its Nature and Meaning

3 - Práticas de consumo de jardins e parques – nobreza e burguesia

Séc. XVIII – a motivação dos visitantes era entrar na intimidade dos outros (voyeurismo): o passeio numa área de parque ou jardim numa propriedade privada consistia uma parte significativa de ocupação do tempo de lazer da aristocracia que é posteriormente adotado pela burguesia.

Este “consumo” de jardins e parques acentua-se com a **experiência da viagem por prazer** que antecede o turismo – **Grand Tour** (final Séc. XVII – Séc. XVIII).

“Jardins de prazer” (*pleasure gardens*) palácios e mansões privadas abriam as suas portas aos visitantes.

Razão - imaginação - sentidos



3 – Primeiros parques públicos



Birkenhead Park em Liverpool, 1847, considerado o 1º parque especialmente construído para uso público. *Boom* de parques.

Retorno às formas naturais, jardins inspirados na natureza, contra os jardins formais franceses e holandeses = ambiente performativo (teatral) com as suas grutas, os seus cantos românticos, os seus pontos altos com miradouros permitiam a vivência de várias emoções: prazer, ansiedade, terror e reflexão sobre a experiência.

Influência da Grécia e Itália antigas. Grutas, estátuas, pavilhões, ruínas.


Hibridização entre natureza e cultura.

O Jardim da Estrela 1850.

4 – Regulação social dos jardins públicos

Séc. XVIII e XIX – do período romântico à regulação social

Final do séc. XIX muitos dos parques das propriedades da aristocracia comercializaram-se em resultado da:

- Crise da agricultura e da diminuição dos rendimentos das classes terratenentes
 - Aumento dos custos de manutenção
 - Subida dos impostos
 - A partir de uma certa altura **as entradas começaram a ser controladas**: ou cobrando um preço ou limitando o número de bilhetes.
 - Democratização da viagem – indústria do turismo.
- 

4 - A visita a parques e jardins em contexto urbano – regulação social

Processo de regulação social dos jardins e parques segue o processo regulação social de outras formas de lazer. **Moralização das práticas populares.**

Rational recreation – movimento que tem lugar a partir de 1830 - classes médias receiam que os seus hábitos fossem emulados pelas classes trabalhadoras

Passeio público - Vasto bosque, delimitado por grossos muros, mais tarde gradeado e com entradas no topo norte e sul, que regulavam as entradas e saídas e **faziam cumprir as posturas municipais sobre o comportamento dos seus visitantes.**



4 - A visita a parques e jardins em contexto urbano – regulação social

Alguns proprietários evocam um sentido de “**responsabilidade social**”. **Tinham obrigação de os tornar acessíveis para a recreação das classes populares.**

Os promotores dos parques e jardins queriam encorajar a educação e promover formas particulares de entretenimento. Reduzir a **criminalidade** e a **agitação social**.

Também frequência de parques seria benéfica para a **saúde** dos visitantes e dos habitantes da cidade e geral.

5 - Eclosão turismo de massas

- Férias pagas e aumento do rendimento das famílias.
- Melhoria dos meios de transporte a preços baixos: i.e. o comboio e as camionetas de turismo.
- O desejo de escapar à pressão da vida urbana.
- Do “olhar romântico” ao “olhar colectivo” (John Urry – *The Tourist Gaze*).
- Democratização da viagem.
- 1º Comboio (segunda ½ séc. XIX)
- Segue-se o uso do automóvel e avião (segunda ½ séc. XX) (já não é só o território nacional que se oferece)

5 - Visitantes de jardins e parques hoje¹⁷

(um estudo realizado em 2001 na Grã-Bretanha)

Quem são?

Envelhecimento da população leva ao aumento de visitantes idosos de parques.
36% > 60 anos.

- Sobretudo famílias com crianças menores de 16 anos.
- Classe média e média alta (80% classes A,B e C). 57% (A e B). Ocupações de colarinho branco (

O que procuram?

Experiência de um ambiente calmo e pacífico.

Experiência espiritual, efeitos positivos em termos emocionais, psicológicos.

Interação social (em família)

Comportamento centrado em atividades concretas: fotografar, escrever, pintar...

Motivação especializada: admirar variedades botânicas



Bibliografia

- Connell, Joanne. 2004. "The purest of human pleasures: the characteristics and motivations of garden visitors in Great Britain". *Tourism Management* 25(2004) pp.229-247. Elsevier.
- Connell, Joanne. 2005. Managing Gardens for Visitors in Great-Britain: a story of continuity and change. *Tourism Management* 26(2005) pp.185-201. Elsevier.
- Estanque, Elísio 1995. "O Lazer e a Cultura popular, entre a Regulação e a Transgressão. Um estudo de caso", *Revista Crítica de Ciências Sociais* nº43 Out. pp.123-145
- Kastenholz e Lima. 2011. The Integral Rural Tourism Experience from the Tourist's Point of view-A Qualitative Analysis of its Nature and Meaning. *TOURISM & MANAGEMENT STUDIES*, Nº 7.
- Rojek, Chris 1985. *Capitalism and Leisure Theory*, Routledge. Londres.
- Silva, S. Carvalho P., Tomás, P. 2013. "Os jardins no contexto do turismo pós-moderno. O caso de Portugal". *Revista de Turismo e Património Cultural*. Vol. 11 Nº4 pp.631-647.
- Urry, John & Larsen, Jonas. 2011 – *The Tourist Gaze*. Sage. Londres.